

5EC-39592
- 1148 -

B. Rodrigues

Exploração e estudo do Vale do Açu,
Zumbos; parte do livro Explorações
rio Yamundá, relatório
Rio de Janeiro

IV. Tip. nacional
1875-



A TÁUAQUERA DAS AMAZONAS.

Não tendo, quando subi o rio Yamundá, podido bem examinar a costa do Amazonas, denominada do Parú, onde, segundo minha opinião existiu a tribu appellidada das Amazonas ou Icamiabas, aproveitando agora a vasante para ahi me dirigi.

O resultado do estudo geologico e archeologico que fiz foi o seguinte, que passo a historiar.

Desembarcando no referido ponto, achei na praia uma infinidade de fragmentos de louça de barro, que a vasante e o fluxo e refluxo da maré, que até ahi ainda chega, descobre e amontoa. Examinando o terreno encontrei uma zona de terras pretas, com fragmentos de louça, que pela grande vasante e pelas terras que a enchente destruiu, pude calcular a profundidade, assim como a causa do abandono da povoação que ahi existiu, ha quasi tres seculos.

Dez grandes enchentes se deram depois do abandono desse lugar, bem provadas por dez stractus de argilla que se encontram e se prolongam nessa paragem por toda a costa.

AmM
1218

Depois dos estudos que procedi em toda região do Parú, concluí que o rio Amazonas outr'ora formava ahí uma grande ilha, limitada toda pelo mesmo rio. Corriam então as aguas pelo canal Cachuiry, desciam pelo valle que fórma o lago Parú e sahiam acima da actual foz do rio Trombetas.

O lago Parú, ainda hoje, não é mais do que um grande reservatorio das aguas do Amazonas, que pela enchente recebe por um furo ou canal abaixo do Cachuiry, e que pela vasante transforma-se em uma extensa campina, com alguns poços, onde abundam os jacarés, (*alligator*) tuyuyús, jaburús, cauauás, (*mycteria*), carão, (*ibis*) e garças (*ordea*), que andam aos milhares.

Na parte, pois, mais elevada dessa ilha habitou uma tribu de gentios, que, guiado pelo *muirakitan*, soube ser a das Amazonas, de Orellana. Naturalmente uma grande enchente inundando a ilha, posteriormente ao anno de 1580, expulsou-os della, pelo que depois foi abandonada.

Este facto confirma, não só a tradição dos gentios Uaupés, que vimos no fim do capitulo anterior, como tambem a minha opinião sobre o desaparecimento dessas mulheres guerreiras, até aqui não explicado.

Descendo então as aguas, deixou sobre a ilha uma camada de sedimento com um metro de potencia, que destruiu e encobriu a povoação. Outras enchentes maiores, depois appareceram, que foram elevando o terreno, até obstruir a passagem pelo Cachuiry. Destruída esta passagem, formou-se o lago, que hoje se communica ainda com o Amazonas, como disse, por um canal estreito, aberto posteriormente. Como são raras as grandes enchentes, este terreno está hoje sobranceiro ao Amazonas.

Os factos hodiernos provam essa mesma asserção, que claramente se vê representada no terreno. Hoje, parece que o Amazonas quer tomar seu antigo leito ahí, porque ha dous annos tem levado com as enchentes grande

parte destes sedimentos, formando já fundas enseadas, que quasi se unem ao lago Parú.

As maiores enchentes deste seculo foram as de 1819 e 1859 : que chegaram a cobrir todo o terreno, unindo-se o Amazonas ao lago Parú, isto é, occupando então aquelle o seu primitivo leito. Diz a tradição que outr'ora, ainda no começo deste seculo, havia fronteira á Táuaquera uma ilha, que desapareceu. O que pôde porém verificar é que ahí o leito do Amazonas é mais alto, e com as enchentes fórma grandes rodamoinhos, chegando a levantar jórros d'agua, que vulgarmente chamam *arrebentação*.

O lugar que occupa a táuaquera ou antiga aldeia, tem de extensão 630 metros, fica acima da linha das maiores vasantes 2^m,5, e tendo sobre ella quatro metros de stractus de sedimento, occupados por um cacocal que tem mais de 50 annos. Escavando o terreno, e chegando á zona da aldeia, encontrei milhares de fragmentos de louça de barro; muitos fragmentos de machados de diorito, assim como lascas da mesma rocha, que provam que ahí eram fabricados; uma massa de guerra, da mesma rocha, e fragmentos de ossos humanos e de passaros; e, segundo me affirmaram, outr'ora tambem encontraram craneos inteiros. Além disto, encontrei alguns fragmentos de um feldspatho verde, do mesmo com que faziam o celebre *muirakytan*, que ahí raras vezes se encontra, que provou-me terem sido elles ahí tambem feitos. Entre estes fragmentos encontrei um perfeito, que tive a honra de offerecer a Sua Alteza a Sra. D. Izabel.

A arte plastica, então estava mais adiantada do que hoje entre os actuaes tapuyos. Alguns fragmentos apresentam desenhos, se não muito correctos, ao menos elegantes, e alguns usados, na louça estrangeira; não pintavam mas abriam com algum dente animal ou ponteiro de madeira, seus traços, quando molle a argilla. Ornavam suas igaçauas com figuras em relevo, e fabricavam tambem com argilla figuras com fórmas humanas

e de diversos animaes. Alguma louça tinha desenhos feitos pela compressão de um tecido de palha, sobre o objecto quando molle ainda; de maneira que apresentava as fórmãs regulares dos desenhos do mesmo tecido.

Vinte e seis especies de gregas ornamentaes usavam na louça. O mais regular é o *tapurú-rapé* (1) ou caminho de bicho, isto é linhas rectas cruzadas em angulos formando zig-zags, que segundo a phantazia do artista eram mais ou menos ornados.

Os angulos mais ou menos agudos ou obtusos, variavam os mesmos desenhos, assim como a combinação de duas ou mais gregas, tambem servia para enfeite de gargalos e mesmo dos bojos das diversas peças que faziam.

Nem sempre as bordas dos seus vasos eram lisas, apenas ornadas com uma grega, usavam tambem dentadas de diversas fórmãs, tendo então desenhos especiaes.

A's vezes em vez de dentes eram figuras de cabeças de animaes; outras vezes pequenas bolas furadas. O bojo era sempre feito de um só desenho; angulos oppostos e concentricos, formando como que escamas, que ainda se chama *tamuatá piréra*, (2) ou representando tecidos como já disse ou traçado de linhas verticaes parallelas, como tambem se vê nos vasos romanos. Além de louça fabricavam tambem figuras ou idolos, que representavam commumente animaes. A louça é fabricada de argilla, simples ou misturada com *cauichy*, e não com *caraépe* como hoje usam.

Não pude formar idéa da fórmula de seus vasos, panellas ou igaçauas, por estar tudo reduzido a pequenos fragmentos, sómente consegui achar a fórmula de um fogareiro.

Ainda hoje os tapuyos usam destes fogareiros, pouco modificados, e que denominam *tatá pynha rerú*. Geralmente affectam a fórmula de um alguidar assentado sobre

(1) Caminho de bicho.

(2) Escama de tamoatá, (peixe).

secção cylindrica, ou semi-espherica, com tres ou mais aberturas rectangulares e perpendiculares. O fundo do alguidar, onde se põe as brazas, é furado para passar a cinza para a secção de baixo e delle sahem tres pyramides inclinadas para o centro, sub-triangulares de 0^m,1 a 0^m,15 de comprimento, que servem de trempe. Geralmente tem a bacia ou alguidar 0^m,4 de diametro e todo o fogareiro 0^m,3 de altura.

Pelo fragmento do fogareiro que encontrei, pude ver que, affectando quasi a mesma fôrma, tem a bacia os lados em vez de concavos, rectos; isto é, em fôrma de um cone truncado e invertido, com as bordas viradas. A parte inferior é semelhante, porém, as aberturas são mais estreitas, unidas, e por conseguinte numerosas. Por gravura, é todo elle pintado externamente, tendo as bordas internamente uma grega ornamental. O desenho do corpo do fogareiro é composto de linhas quebradas, formando angulos mais ou menos rectos.

Muita correcção encontrei neste desenho, feito em um objecto que pouco valor se lhe liga.

Estes fogareiros, tambem servem de *muquem* para caça ou peixe miudo, que muqueam em varas atravessadas sobre as bordas.

O systema do fabrico julgo ser o hodierno, porque nessa arte, não só ainda imitam seus antepassados, como mesmo tem retrogradado o gosto. Seguem o seguinte processo: Depois de bem limpa e amassada a argilla com as mãos, juntam-lhe a cinza moida da casca do caraipé (moquilea) ou o cauichy reduzido a pó, ou ainda a cinza do peixe pirarucú. Feita esta mistura que dizem servir para evitar que a louça arrebente no fogo, tornam a amassar fazendo depois grandes bolas dessa massa, donde vão tirando a quantidade necessaria para o fabrico do objecto. Para as panellas, potes (camuty) e jarras (igaçauas) fazem uma pequena fôrma de pau para o fundo e o dos fornos de farinha são feitos sobre folhas de bananeira. Feito o fundo que é por compressão da argilla contra a fôrma, começam a estender espiralmente uma

torcida de argilla que com os dedos vão amassando e ligando até chegar á altura que querem, apertando ou alargando a torcida, segundo querem maior ou menor diametro.

A' medida que vão ligando a torcida alizam a parte acabada com um pedaço pequeno de cuia que chamam *cuy péua*. (1) Terminado o objecto deixam a seccar por dous ou tres dias ao sol e depois alizam-o com um eixo rolado, ou com caroços de inajás, ou tacumã, que tem então o nome de itapuquetê. (2) Se a louça é ornada, quando ainda molle, com um pontaete de madeira qualquer, fazem os desenhos e se querem pintada quando principia a seccar pintam-a. As tintas mais usadas são: *tauá*, (oca amarella), *tauá-tinga*, (gesso), *cury*, (argilla roxa) *urucu*, (bixa orellana) e *carajurú*, (bignonia chica).

Depois de lisa aquecem o objecto ao calor do fogo brando e depois mettem-o n'uma fogueira e cobrem-o de lenha. Quando está vermelho tiram-o e passam-lhe então a resina de jutahy (*jutahy-icica*) para vidrar. Este vidrado perde logo, porém dizem que evita que se torne quebradiça.

Comparando os fragmentos que encontrei, com os da louça moderna notei que apesar de muito mais leves, são mais fortes, o que mostra que melhor escolhiam a argilla e a preparavam. Se fui infeliz, não podendo saber quaes as fórmãs dos utensis de barro, não o fui comtudo com as dos machados, que pelos fragmentos pude saber perfeitamente. São, como disse, de diorito e de duas formas tendo dellas de diversos tamanhos. Os maiores que encontrei foram de 0^m,4 de comprimento e os menores de 0,06.

O uso que destes machados faziam está ainda duvidoso. Querem uns que servisse para picar a parte cortical do tronco das arvores, para dar-lhes a morte e

(1) *Cuy*, cuia, *péua*, chato.

(2) *Ita*, pedra, *puquetê*, esfregar.

depois de seccas serem destruidas pelo fogo; outros, que para cortar as arvores, depois de queimadas, isto é, lançavam fogo em torno a arvore e quando queimada picavam com os machados, até chegar á madeira, tornavam a queimar nesse lugar, e tornavam a picar e assim até derrubar a arvore. Penso, porém, que derribavam sem o auxilio do fogo, porque em centenares de fragmentos que tenho encontrado, tenho observado, que muitos tem a parte cortante não só gasta como lascada, o que prova que feriam parte dura. O carvão nunca lascaria o diorito. Talvez empregassem-os com o fogo para derrubar as madeiras e depois as lavrassem sem esse auxiliar, tão poderoso dos indios.

Eram esses machados encaixados na fenda que faziam na extremidade do cabo, e depois apertada e amarrada esta com fibras vegetaes ou cipós.

A massa que affecta quasi a fôrma de um machado era não encaixada, mas unida ao cabo e então ligado. Tem o gume cortante e é da mesma rocha.

Comparando a louça, com a dos Tapajós, que encontrei na serra do Diamantino e Piquiátuba, no districto de Santarém, achei alguma analogia entre os desenhos e alguns até iguaes, o que veio convencer-me de que tinham com effeito os indios Tapajós relações com os deste lugar, segundo já uma velha Tapajós em Santarém, m'o havia informado. Comparando os objectos de barro dos nossos indios antigos, com os dos do povo grego, turco, romano, e egypcio muitos pontos de contacto encontro, não só no estylo como na parte ornamental.

A louça dos gentios dos tempos prehistoricos, que tenho estudado, assim, como os machados, massas e pontas de flechas de diorito e silex, tem tanta analogia com o dos povos semibarbaros do antigo continente, que parece que por emigração derramaram os seus costumes pelo Brazil.

As *igacáuas*, então urnas mortuarias, e hoje talhas para agua, dos indios, nas fôrmas aproximam-se muito

dos vasos romanos da 3.^a centuria, como uma que desenterrei em Manãos, Nas gregas ornamentaes, encontram-se iguaes á dos vasos gregos, e etruscos, assim como no peso são tão leves, como a dos daquelles que chegavam a fluctuar n'agua. Modeladas e não moldadas, então, ainda hoje os nossos indios e tapuyos seguem o mesmo systema, assim como o estylo muito pouco alterado, pelos modelos da louça moderna.

Hoje julgo, que, como outr'ora, é sempre a mulher a oleira. Artista de outros tempos, conserva por tradição esse uso. Todas, geralmente as mais velhas, fabricam os utensis que precisam em sua choupana, não havendo officina propria para esse fim.

Quér no baixo, quér no alto Amazonas, sempre vi essas victimas do trabalho entregues ao fabrico da louça, empregando o mesmo systema.

Os machados e massas de guerra que tenho encontrado, uns principiaados, outros meio trabalhados, e outros acabados, nelles tambem encontro analogia com os dos tempos prehistoricos da Europa. Uma massa encontrada na serra do Piquiátuba e um fragmento encontrado no Uatumã, são exactamente iguaes ás massas dos tempos runicos da Scandinavia, e de algumas encontradas tambem no Perú. Os machados, quasi semelhantes aos do Perú, o são tambem aos dos povos antigos do norte da Europa.

As antiguidades amazonicas, que dividem-se em urnas mortuarias, objectos de uso domestico e inscripções, offerecem ao archeologo e paleographo numerosos e interessantes estudos, que muita luz darão á nossa historia. Material tenho reunido para um dia se puder escrever o resultado dos estudos que tenho feito, mostrar, que, apezar da barbaria, havia um estado de civilização muito mais adiantado, e talvez fructo de contacto com povos mais adiantados do que os Incas do Perú.

As armas de guerra e caça ainda hoje offerecem largo campo para o estudo comparativo com as da antiguidade europeá e asiatica.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA